

O GÊNERO DISCURSIVO FÁBULA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**THE FABLE GENRE: A STUDY IN BAKHTINIANA PERSPECTIVE**Brennda Valléria do Rosário FREIRE¹

RESUMO: Este artigo é parte de um trabalho maior, no qual buscamos refletir sobre o emprego dos gêneros discursivos nas práticas escolares do ensino básico. Desse modo, o objetivo geral deste artigo centra-se na reflexão sobre o contexto de produção e os elementos constitutivos do gênero fábula, visando à sua abordagem em sala de aula. Para tanto, à luz da perspectiva bakhtiniana, analisamos a fábula *Os dois castores*, atribuída a Esopo, com o intuito de verificar o que este texto pode oferecer ao trabalho escolar. Como resultado desta pesquisa, entendemos que o gênero em questão é muito produtivo para o ensino de Língua Materna, pois, além de contribuir para a formação do leitor crítico, por meio do debate propiciado pelo cunho moralista, é repleto de elementos linguísticos que podem ser explorados pelos professores, para desenvolver as habilidades cognitivas do aluno. Esperamos, com isso, implicar na formação do professor e nas demais investigações no campo da Linguística Aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos. Fábulas. Ensino e aprendizagem

ABSTRACT: This article is part of larger work, in which we reflect on the use of genres in school practices. Thus, the general objective of this article centers on reflection about the context of production and the elements of the fable genre, aiming their use in the classroom. For this, in light with Bakhtinian perspective, we analyze the fable *The two beavers*, attributed to Aesop, in order to verify that this text can provide for school work. As a result of this research we understand that gender in question is very productive for the teaching of Native Language, because, besides contributing to the formation of the critical reader through debate afforded by the moralistic nature, is full of linguistic elements which can be exploited by teachers to develop the cognitive abilities of the student. We expect, therefore, contribute to formation of the teacher and for other investigations in the area of Applied Linguistics.

KEY-WORDS: Genres. Fables. Teaching and Learning

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA/Castanhal) sob orientação da Profª. Doutoranda Márcia Cristina Greco Ohuschi. E-mail: brennda.freire@gmail.com

INTRODUÇÃO

O trabalho com a linguagem, no processo de ensino e aprendizagem do ensino básico, é de extrema importância para a formação de indivíduos que exerçam plenamente suas práticas de cidadania. Isso ocorre porque as atividades de leitura, compreensão, produção escrita e prática de oralidade, competem ao exercício de ensino de Língua Materna, e é através dessas atividades que o aluno constrói conhecimentos e sua própria visão de mundo, capacitando-se, assim, para atuar em favor da sociedade de acordo com as acepções adquiridas.

Nesse sentido, entendemos que é favorável ao ensino e à formação de sujeitos, a inclusão de trabalhos com os mais variados tipos de gêneros que circulam na sociedade, já que eles são os meios usados para a materialização da comunicação e, portanto, para a disseminação e apropriação do conhecimento. Por esse motivo, este trabalho preocupa-se em refletir sobre a inserção dos gêneros discursivos nas práticas escolares. Para tal reflexão, optamos por trabalhar com o gênero fábula, já que este tipo de narrativa é de perspectiva didática por trazer noções de certo e errado, deveres e direitos, benevolência e malevolência, tornando-se capaz de deter facilmente a atenção de crianças, adolescentes ou adultos, incitando o gosto pela leitura.

Assim, tendo em vista os objetivos específicos, propomo-nos a: Delinear as características do gênero fábula e verificar se as práticas da linguagem (leitura, escrita, análise linguística) podem ser bem exploradas a partir do gênero em pauta, no ensino básico. Para isso, analisamos a fábula “Os dois Castores”, atribuída a Esopo.

Dessa forma, a estrutura deste artigo compõe-se de quatro seções, sendo esta a primeira: **Considerações Iniciais**, no qual enfatizamos o porquê trabalhar a favor da inserção dos gêneros discursivos no ensino. Na segunda seção, nomeada **de Os Gêneros Discursivos: Considerações Teóricas**, explanamos informações sobre os gêneros discursivos, a partir dos pressupostos bakhtinianos. Na terceira e quarta seções, **A fábula como objeto de ensino**; e, **Características das fábulas**, respectivamente, abordamos peculiaridades do gênero em questão. Na quinta seção, a qual chamamos de **Análise da fábula “Os dois Castores”, atribuída a Esopo**, analisamos a fábula de nossa eleição, visando enfatizar o quão este gênero pode se fazer eficaz nas salas de aula. Por fim, apresentamos, nas **Considerações Finais**, os resultados que foram obtidos através da pesquisa.

1. OS GÊNEROS DISCURSIVOS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Sabemos que para nos relacionarmos com outros indivíduos e praticarmos nossas atividades diárias, o uso da comunicação faz-se indispensável, o que implica na utilização de uma língua em comum entre sujeitos, para que consigamos, de fato, viabilizar e instaurar uma interação verbal (oral ou escrita) entre indivíduos. Porém, é perceptível que cada situação pela qual passamos exige um determinado tipo de recurso e finalidade, por exemplo, durante muitos anos, a carta foi usada como o principal meio de comunicação à distância devido à inexistência - e mais tarde - à precariedade de outros meios de comunicação. Mas, ao longo do tempo, a carta foi deixando de ser tão utilizada como em algumas décadas atrás devido à criação de novas formas de comunicação à distância, como o e-mail, que é muito utilizado por ser prático e instantâneo. Dessa feita, percebemos que, desde a antiguidade, o ser humano vem construindo vários modelos de “texto” e “diálogos”, ou seja, passamos a criar e a nos apropriar de várias formas de enunciados.

Após vários estudos feitos sobre a linguagem e os enunciados, constatou-se que cada ato de comunicação, ou seja, tudo o que falamos, ouvimos, escrevemos ou lemos está diretamente ligado a um gênero, pertencendo a ele. Assim, o conceito de gênero discursivo vem sendo abordado por vários teóricos ao longo dos anos, em vertentes distintas.

É notável, em nosso país, que as pesquisas sobre esse assunto ganharam força após a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, em 1998, feitos a partir dos pressupostos bakhtinianos. Os PCN mostraram os gêneros como importantes auxiliares no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, pois através deles podemos ensinar o aluno “a compreender e a produzir textos pertencentes a todos os tipos existentes”. (BARBOSA, 2005, p.152).

Feitas essas considerações, entendemos que os gêneros discursivos podem ser usados como um meio eficiente de ensino que concebe a materialização de práticas sociais (orais e escritas), servindo de base para o desenvolvimento cognitivo do aluno e, conseqüentemente, de suas práticas de produção, compreensão e comunicação, estabelecendo uma ponte entre o leitor/aluno/ouvinte e o saber.

Nesse sentido, levamos em conta principalmente a teoria bakhtiniana, que procurou estudar a interação social que a linguagem possibilita por meio do discurso; e concerne na perspectiva dos gêneros discursivos, que foi a precursora das demais

vertentes. Por este motivo, a partir daqui, priorizamos e refletimos sobre as ideias do estudioso em relação aos gêneros discursivos.

Para Bakhtin (2003), a língua é essencialmente viva, um “objeto” com finalidade de comunicação que ao ser reproduzido estabelece uma relação dialógica entre os indivíduos, constituindo assim um discurso. Os gêneros discursivos sob esta perspectiva apoiam-se na afirmação de que a utilização da linguagem se dá por meio de um enunciado, funcionando como mediadores entre enunciador e destinatário.

O autor (2003, p. 262) ainda declara que os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, isto é, transformam-se facilmente com o surgimento de novas interações. Neste sentido, “A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana (...)” (BAKHTIN, 2003, p 262). Com a citação acima, entendemos que os gêneros se fazem presentes em toda atividade comunicativa humana e a partir de nossas práticas sociais dialógicas; eles podem se modificar, tornando-se mais complexos, e até mesmo se recriando, de tal modo que, a todo momento, nascem novos gêneros. por isso, nós, que utilizamos a linguagem para nos expressar, somos fontes inesgotáveis de gêneros discursivos.

Desse modo, percebemos que os gêneros compreendem diversos níveis, que vão do mais simples ao mais complexo, isto levou Bakhtin a tratar, em sua obra, da heterogeneidade pela qual são tomados. O autor explica que os gêneros possuem um repertório vasto, que podem ir de “simples réplicas monovocais do dia-a-dia” até “romances de muitos volumes”. É por esse motivo que Bakhtin (2003) dividiu os gêneros em duas categorias, a primária e a secundária. Gêneros primários são aqueles que estabelecem alguma relação com o dia-a-dia, encaixam-se nessa categoria, o bilhete, a carta, o diálogo e a escrita informal entre outros, por isso os gêneros primários são também chamados de gêneros simples. Em contrapartida, os gêneros secundários se apresentam em situações mais específicas e complexas, como por exemplo, as teses científicas, os discursos políticos, os textos jornalísticos, literários etc., por isso também são conhecidos como complexos.

Contudo, devemos recordar que, algumas vezes, os gêneros secundários podem, por assim dizer, “absorver” os gêneros primários, isto ocorre, como postula Bakhtin (2003, p. 263), porque “no processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários, (simples) que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata”. O estudioso ainda traz em seu texto um exemplo referente a tal

assunto, a partir do qual formulamos outro similar, para que o leitor possa apropriar-se facilmente da afirmação aqui expressa.

Podemos dizer que uma conversa informal, com um amigo, sobre situações do dia-a-dia, está introduzida na modalidade de gênero primário, porém, uma vez que esta simples conversa encontra-se inserida num exemplo dado em uma palestra/ seminário, ou em um artigo científico, ela passará a integrar-se no contexto de um gênero secundário.

Em face dessa heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2003) propôs a utilização de agrupamentos chamados: esferas da comunicação. Para o estudioso, cada gênero está contido em uma esfera de comunicação social que visa sua própria finalidade. Temos vários exemplos de esferas, como, cotidiana, jornalística, literária, publicitária etc. Dentro dessas esferas, estão incluídos vários gêneros, por exemplo, na esfera cotidiana, estão inseridos os bilhetes, os diálogos e a carta informal, entre outros; já na esfera jornalística, temos o gênero notícia, os classificados, a reportagem, as entrevistas. O gênero fábula, o qual abordamos neste trabalho, está inserido na esfera literária.

Dando segmento ao estudo dos gêneros, observemos agora como este é caracterizado na visão de Bakhtin (2003). O teórico em questão acredita que o gênero é formado por três características, são elas: um conteúdo, que diz respeito a um tema (conteúdo temático), um estilo particular e uma estrutura/esqueleto/ composição.

O conteúdo temático refere-se aos assuntos que podem, devem ou se esperam que sejam abordados no interior de um dado gênero. O estilo particular remete à seleção de meios ou recursos linguísticos que serão utilizados pelo indivíduo. Já a estrutura ou composição do gênero é a forma de organização do enunciado, o que se encontra intimamente ligado com as esferas e os contextos sociais.

Agora, vejamos, grosso modo, um exemplo com o gênero fábula, foco dessa pesquisa, para um entendimento mais bem sucedido. Supondo que esta fábula trate do tema inveja, compreenderíamos que esse seria o seu conteúdo temático. Com relação ao estilo, deveríamos notar se essa fábula obedece às regras de uma linguagem formal ou informal, e quais os recursos linguísticos empregados, os quais contribuem para a construção de sentidos do texto. Na construção composicional, seria correto verificar quais os elementos componentes no enunciado, como os elementos da narrativa, o título, a moral da história.

Além desses três aspectos, Bakhtin (2003) ainda associa intimamente ao gênero, sua determinada condição de produção, isto é: onde o texto foi escrito, em que época,

com qual intuito, quem escreveu e para quem escreveu. Com isso, compreendemos que o caráter sociológico do texto é um importante fator, que deve ser analisado juntamente com as características apontadas a cima (conteúdo temático, o estilo e a constituição composicional).

Sob esse viés, Bakhtin/Volochinov (1992) discutem que a ordem metodológica mais eficaz para o estudo de Língua deve partir primeiramente da observação dos aspectos sociais, bem como do contexto e das características do texto, para só depois introduzir o estudo dos aspectos linguísticos. Dessa forma, outros estudiosos transpuseram esse método de estudo para o ensino da Língua Materna. Como corroboram Perfeito, Ohuschi e Borges (2010, 55-56), a partir de Barbosa (2003) e Rojo (2005), dizendo que se deve:

[...] observar, nas práticas pedagógicas em textos de diferentes gêneros discursivos, aspectos relativos:

- ao contexto de produção – refere-se à relação autor/enunciador, destinatário/interlocutor, finalidade, época e local de publicação (...)
- ao conteúdo temático – ideologicamente conformado - temas avaliativamente manifestados por meio dos gêneros, explorando-se, assim, sobretudo na leitura, para além da decodificação, a predição, inferência, críticas, criação de situações-problemas, (...) e etc.
- à construção, forma composicional – elementos de estrutura comunicativa e de significação;
- às marcas linguístico-enunciativas – de regularidade na construção composicional e linguística do gênero [...].

Após essa breve explanação a respeito dos gêneros, concluímos que eles interferem de modo basilar na interpretação de um determinado enunciado, portanto, é muito importante que as escolas brasileiras passem a adotar os gêneros discursivos como instrumentos auxiliares no processo de ensino e aprendizagem.

2. A FÁBULA COMO OBJETO DE ENSINO

A fábula, assim como vários outros gêneros, também deve ser utilizada como objeto de estudo nas escolas, por trazer algumas vantagens que beneficiam a educação, como os ensinamentos retratados nas narrações, que podem ser úteis, se bem explorados, para o crescimento e desenvolvimento de cidadania das crianças e estudantes em geral. Sobre isso, Nascimento (2011, p.3) salienta que:

As fábulas sempre atraíram a atenção das crianças, por trabalharem com o imaginário infantil, pelo uso de personagens antropomorfizados (animais com sentimentos humanos), pela ludicidade que se pode haver em algumas fábulas, enfim, este gênero constitui uma forma, aparentemente ‘suave’ de educar as crianças.

Com isso, entendemos que há uma função educativa atribuída às fábulas, que se trata da influência que os efeitos moralizantes da história causam no consciente do leitor, levando-o a discernir o bem do mal, o certo do errado, o justo do injusto, a inocência da astúcia; e assim por diante. Dessa forma, percebemos que as fábulas têm certo poder de atração, que acaba por culminar na ansiedade de interpretação dos fatos narrados, fator que pode ser explorado pelo educador.

Além disso, as fábulas trazem uma linguagem simples e objetiva, como a usada nas situações cotidianas, possibilitando que o aluno desenvolva sua oralidade, e sua percepção, apropriando-se mais facilmente das características textuais, e dando ao professor um leque de opções para o ensino da língua materna, em que pode enfatizar o diálogo, muito presente nos textos desse gênero. Nas práticas de produção escrita, as fábulas também podem se mostrar como grandes aliadas ao ensino, pois aguçam a criatividade, fazendo com que o estudante se interesse pelo trabalho dirigido.

3. CARACTERÍSTICAS DAS FÁBULAS

De acordo com Jean de La Fontaine (apud PORTELLA, 1983), as fábulas apresentam duas partes, o corpo e a alma. “O corpo é representado pela narrativa que trabalha as imagens e dá forma sensível às ideias gerais. A alma são exatamente as verdades gerais corporificadas na narrativa” (PORTELLA, 1893, p.121).

Nas fábulas reescritas pelo grande fabulista Francês do século XVII, Jean De La Fontaine, percebemos que o trabalho é eminente com o “corpo” do texto, mas não deixando de ser fiel também à “alma”. Já nas fábulas de Esopo, o trabalho dava-se em torno da “alma” da narrativa. Essa escolha deu-se por conta da diferença de finalidades que a fábula apresentava para Esopo e La Fontaine.

Portella (1983) evidencia que uma fábula esópica procurava dar um conselho e fazer revelações a quem ouvisse sua narração. A fábula de La Fontaine tinha como objetivo agradar e divertir os palacianos e figurões do século XVII. Assim, o fabulista francês dava realce à forma estrutural da narrativa e deixava que a lição de moral fosse deduzida pelo seu decodificador.

Dessa forma, podemos considerar o “corpo” e a “alma” como os dois primeiros elementos estruturais da fábula, o terceiro elemento seria a alegoria. Encontramos no dicionário Aurélio que alegoria significa “Expressão de uma ideia através de uma imagem, um quadro, um ser vivo etc.” daí podemos associar que toda fábula é compreendida e desenvolvida por meio de imagens alegóricas. Porém, sobre isto devemos ressaltar que, para estar inserida numa fábula, a alegoria deve sempre estar por trás de uma narrativa e de um ensinamento moral, do contrário, poderíamos chamar qualquer signo linguístico de fábula.

Outra característica da fábula diz respeito a tornar o fato narrado verossímil, ou seja, transformar ousadamente a “fantasia” em realidade no decorrer da narração, passando por cima de qualquer obstáculo, enquanto que a parábola trata apenas de fatos teoricamente possíveis. “Resumindo, costuma-se dizer que parábola trata de assuntos e situações humanas mais reais e visa maior elevação no plano ético” (PORTELLA, 1983, p. 126).

Observando bem as fábulas no geral, percebemos que esta foi um meio encontrado de anunciar publicamente a verdade de uma determinada situação, tendo em vista que o povo ou mesmo o fabulista não tinha voz ativa na sociedade, isso é claro, feita de forma que não atinja diretamente o alvo em questão, para que ninguém precise rejeitá-la de imediato.

Também observamos que a fábula pode apresentar-se em um ambiente conflituoso, no qual encontramos divergência de interesses entre os personagens. Isto ocorre porque cada pessoa busca sua própria felicidade do seu modo, sendo inevitável entrar em desentendimento com seu próximo.

Quanto à linguagem utilizada nas fábulas, percebemos que, de maneira geral, levando em conta seu objetivo moral e didático, ela se dá de forma simples e objetiva, além disso, é importante ressaltar que os diálogos se fazem muito presentes nesse gênero.

Por fim, abordamos mais uma característica fabular, que se mostra como uma das mais próprias ensaiadas pelo gênero. Trata-se da utilização de animais nas narrativas em questão. Sobre isso, Portella (1983, p.) fala que “a preferência por animais deve-se, sem dúvida, ao fato de que seus caracteres, qualidades e temperamento são sobejamente conhecidos, não sendo então necessária a prévia descrição destes animais”. Isto quer dizer que, quando tratamos de certo animal nas fábulas, já se tem ligada a ele

uma característica, uma representação; por exemplo, a raposa liga-se sempre à astúcia; a cobra liga-se à maldade; o leão liga-se à majestade e assim por diante.

Vistas essas características, que serão de fato muito importantes para a concretização deste trabalho, passemos agora a observar se essas peculiaridades são ou não encontradas na fábula “Os dois castores”.

4. ANÁLISE DA FÁBULA “OS DOIS CASTORES” ATRIBUÍDA A ESOPHO

Para que a compreensão da análise seja bem sucedida, dispomos logo a baixo o texto escolhido para análise, em seguida começamos a explorar o contexto de produção e os elementos constitutivos da narrativa.

Os dois castores

Esopo

Dois castores que pouco se falavam, mas moravam em rios que corriam paralelos.

Um dia em meio à construção de um enorme dique para conter o rio que teimava em se encher com a água da chuva, o castor do rio da direita notou, exausto, que os galhos estavam terminando. Embaraçado, gritou, então, ao castor do Rio da Esquerda, se ele lhe poderia dispensar um ou dois galhos dos seus.

Voaram dois galhos por cima da sua cabeça, que o castor agoniado tratou de enfiar pelo amontoado de galhos que já começava a mostrar sinal de fraqueza. Desesperado, o castor tratou de ajeitar os galhos aqui e ali, até que, em pânico, perguntou mais uma vez ao castor do Rio da Esquerda se ele poderia dispensar mais dois ou três galhos. Ainda os galhos voavam para o seu lado, e já o castor, nervoso, os encaixava no meio da pilha de galhos que agora tremiam como uma gelatina e estancou, paralisado, à espera do pior.

Muito aflito, gritando por socorro, pela primeira vez na sua vida o castor do Rio da Direita subiu, atabalhado, a encosta do seu rio e já ia começar a descer correndo para dentro do Rio da Esquerda, quando parou, chocado com o que via.

No Rio da Esquerda havia um outro dique, enorme e resistente, a conter a força da água. Deitado sobre ele, roendo calmamente uma folhinha de árvore, estava o outro castor, que observava as centenas de galhos que haviam sobrado, flutuando à sua frente... Antes que o castor do Rio da Direita se pudesse arrepender de algo, o seu pobre dique rebentou.

Em questão de minutos o rio transbordou, afogando o apavorado castor e cobrindo com enormes ondas o Rio da Esquerda – que engoliu o outro castor, a sua folhinha de árvore e as centenas de galhos que haviam sobrado.

Adaptação de Luis Paulo

Fonte: <http://eclectissimo.wordpress.com/2008/04/19/os-dois-castores-fabula-de-esopo/>

Sob a perspectiva bakhtinhiana, Perfeito, Ohuschi e Borges (2010, 55-56) afirmam que, para uma análise ser bem sucedida, é necessário, primeiramente, observar o contexto de produção do texto, por isso, começamos buscando informações sobre as condições em que essa fábula foi elaborada.

A fábula analisada, *Os dois castores*, é atribuída a Esopo, porém, a existência do fabulista é muito questionada pelos estudiosos, pois alguns acreditam que havia uma tradição grega de eleger um inventor para cada gênero literário, e assim, convencionou-se escolher Esopo como pai das fábulas, devido ao seu destaque e a sua versatilidade em narrá-las. Em contrapartida, outros estudiosos cogitam que Esopo era um escravo Frígio que depois de ter sua liberdade concedida foi para Grécia onde se tornou um grande fabulista, diz-se que o Frígio viveu no século VII antes de cristo.

De acordo com Souza (2004), tal suposição advém dos escritos de um historiador chamado Heródoto, que viveu no século V a.C, isto é, por volta de menos de um século depois de Esopo; a partir disso, outros historiadores e fabulistas, como Máximo Planude, passaram a defender a existência do fabulista em pauta. Para entendermos um pouco mais sobre as especulações feitas sobre Esopo, buscamos em Souza (2004) as informações deixadas por La Fontaine, um grande fabulista do oriente, sobre que reescreveu uma biografia de Esopo, baseada em outras já consagradas.

Na biografia reescrita por La Fontaine, temos a informação de que Esopo, depois de passar pela mão de alguns senhores, foi vendido ao filósofo grego Xanto, morador de Samos, e que, diante da inquestionável sabedoria de seu escravo e após muita insistência, concede-lhe a liberdade. Liberto, Esopo viaja e conhece a corte de vários lugares como Cresos, Babilônia e Egito. Sua argúcia, esperteza e sabedoria fizeram com que ele fosse respeitado até mesmo pelos reis, de forma que sua fama era consolidada em todos os lugares por onde passava. Seu fim, no entanto, foi trágico. Os délficos forjam contra ele uma prova e condenam-no à morte, precipitando-o em um abismo. (SOUZA, 2004, p. 26).

Levando essas informações em consideração, salientamos que o povo acabou por perpetuar na história a contribuição de Esopo para a difusão do gênero fábula pelo mundo, por este motivo, muitas dessas narrativas hoje são atribuídas a ele.

Também acredita-se que suas fábulas, de modo geral, eram voltadas ao apontamento de certas atitudes humanas, visando aconselhar a sociedade a respeito de certos valores, por isso ressaltamos que as fábulas de Esopo não eram escritas para

agradar as pessoas ou para aguçar a criatividade das crianças, suas fábulas almejavam atingir todos os tipos de pessoas, independentemente da idade, do sexo, ou da raça, de forma que contribuísse positivamente para a formação de bons cidadãos.

Assim, podemos sintetizar as circunstâncias de produção dessa fábula da seguinte forma: foi elaborada por Esopo, por volta do século VII a.C, era destinada à sociedade em geral e seu objetivo era aconselhar a sociedade, desmascarando certas atitudes ruins tomadas pelos homens.

Consideramos que para um entendimento proveitoso da narrativa é necessário que o aluno/leitor conheça os referidos dados do contexto de produção, já que alguns traços desse contexto podem ser identificados no texto, por isso faz-se importante que o docente apresente e discuta com os educandos as considerações feitas acima.

Dessa feita, apresentamos a seguir as peculiaridades de “Os dois castores”, retomando algumas das características das fábulas que apresentamos na seção IV. Lembramos que essas peculiaridades podem ser trabalhadas pelo professor por meio da união das práticas de leitura, escrita e gramática.

Primeiramente notamos que Esopo, em suas narrativas, buscava enfatizar sobretudo a alma das fábulas, isto é, preocupava-se mais com a lição de moral que queria repassar à sociedade do que com a forma de escrita ou de oralização das histórias. Assim, encontramos a primeira característica da fábula em questão, a preocupação com a verdade geral, com o sentido da fábula que se encontra corporizada na narrativa.

Outra característica dessa fábula é que não há a presença de um ambiente conflituoso, pois o castor da esquerda (que não sabia o que estava prestes a acontecer com o dique do castor da direita) sempre ajudava o vizinho, quando este lhe pedia 2 ou 3 galhos, apesar de não demonstrar interesse ou preocupação com o próximo. Assim, percebemos que não há nessa narrativa uma diferença de interesses.

Para apreendermos a moral da história, basta levarmos em consideração a falta de comunicação entre os castores, já que se o castor da esquerda soubesse que o castor da direita estava em apuros, teria o ajudado a conter a correnteza, emprestando-lhe mais galhos.

Em relação ao lugar, consideramos que esta acontece em um só espaço físico, pois não há locomoção de nenhum dos personagens para outro lugar. O mesmo é válido para o tempo da narração, pois esta acontece em apenas uma continuidade temporal.

A alegoria encontra-se presente, na fábula em questão, por meio das figuras dos dois castores, que são utilizadas, pelo autor, como uma forma amena de criticar certas atitudes presentes em nosso cotidiano, e o quão pode ser prejudicial valer-se delas.

Além disso, observamos que o autor não utiliza diálogos, a história é toda narrada. Partimos, agora, para a análise dos outros elementos que compõem o gênero, isto é, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O conteúdo temático dessa fábula diz respeito à falta de colaboração e comunicação entre os personagens, que apesar de vizinhos, parecem desconhecidos. No decorrer da narrativa, percebemos que essa atitude de não cooperação levou-os a um infortúnio, revelando aos leitores o quão é importante sermos comunicativos e benevolentes com o próximo. Daí, podemos retirar a moral da narrativa.

Em relação ao estilo presente no texto, observamos a utilização de elementos anafóricos como, “ele”, referindo-se ao castor da Esquerda, que já havia sido mencionado na narração, e também o uso de elementos catafóricos como, “perguntou (...) se”, referindo-se a algo que o castor ainda iria perguntar.

Ainda observamos que o tempo verbal passado é predominante durante toda a narrativa, podemos encontrá-lo em orações, como: “o castor do Rio da Direita **notou**”, “Embaraçado, **gritou**, então, ao castor do Rio da Esquerda”, “**Voaram** dois galhos por cima da sua cabeça”, entre outras.

Outro aspecto estilístico notado foi a presença de figuras de linguagens, por exemplo, a figura de palavra: comparação, encontrada na frase: “tremiam como uma gelatina”, utilizada para aproximar os dois termos; “tremiam” e “gelatina”, entre os quais existe uma relação de semelhança, visto que a gelatina tem a característica de tremer.

Também notamos a figura de pensamento, antítese, na frase: “pela primeira vez na sua vida o castor do Rio da **Direita subiu**, atabalhado, a encosta do seu rio e já ia começar a **descer** correndo para dentro do Rio da **Esquerda**”, visto que essa figura consiste na presença de termos de sentidos opostos, como é o caso de “direita - esquerda” e “subiu - descer”.

Outras figuras de linguagens observadas foram as conhecidas como figuras de construção: Elipse, Hipérbato e Assíndeto. A Elipse é analisada na oração: “no Rio da Esquerda havia um outro dique, enorme e resistente” na qual percebemos a omissão do verbo “ser”. O Hipérbato é localizado no trecho “deitado sobre ele, roendo calmamente uma folhinha de árvore, estava o outro castor”, no qual é visível a inversão das orações,

que poderiam seguir na seguinte ordem: “deitado sobre ele estava o outro castor, roendo calmamente uma folhinha de árvore”. Por fim, encontramos o Assíndeto, no trecho: “muito aflito, gritando por socorro”, no qual é notável a supressão do conectivo “e”.

Quanto à estrutura composicional, notamos que a fábula foi escrita em prosa e apresenta cinco parágrafos, além de ser uma narrativa curta e de fácil entendimento. Para compreendermos um pouco mais a respeito da estrutura da narrativa, mostramos aqui o esquema geral da fábula, enfatizado por Portella (1983). Dividimos esta fábula no seguinte esquema: Situação/ Ação/ Reação/ Resultado, que se constitui da seguinte forma:

Situação: Um dia, durante a construção de um enorme dique para conter o rio que teimava em se encher com a água da chuva, o castor do Rio da Direita notou, exausto, que os galhos estavam a terminar.

Ação: Embaraçado, gritou, então, ao castor do Rio da Esquerda, se ele lhe poderia dispensar um ou dois galhos dos seus. Voaram dois galhos por cima da sua cabeça, que o castor agoniado tratou de enfiar pelo amontoado de galhos que já começava a mostrar sinal de fraqueza. Desesperado, o castor tratou de ajeitar os galhos aqui e ali, até que, em pânico, perguntou mais uma vez ao castor do Rio da Esquerda se ele poderia dispensar mais dois ou três galhos. Ainda os galhos voavam para o seu lado, e já o castor, nervoso, os encaixava no meio da pilha de galhos que agora tremiam como uma gelatina e estancou, paralisado, à espera do pior.

Reação: Muito aflito, gritando por socorro, pela primeira vez na sua vida o castor do Rio da Direita subiu, atabalhado, a encosta do seu rio e já ia começar a descer correndo para dentro do Rio da Esquerda, quando parou, chocado com o que via. No Rio da Esquerda havia um outro dique, enorme e resistente, a conter a força da água. Deitado sobre ele, roendo calmamente uma folhinha de árvore, estava o outro castor, que observava as centenas de galhos que haviam sobrado, flutuando à sua frente...

Resultado: Antes que o castor do Rio da Direita se pudesse arrepender de algo, o seu pobre dique rebentou. Em questão de minutos o rio transbordou, afogando o apavorado castor e cobrindo com enormes ondas o Rio da Esquerda – que engoliu o outro castor, a sua folhinha de árvore e as centenas de galhos que haviam sobrado.

Com isso, apresentamos uma sistematização do contexto de produção da fábula *Os dois castores*, atribuída a Esopo, bem como seus aspectos característicos, sua temática, seu estilo e seu esquema geral, com o intuito de orientar o professor a analisar

o texto com o qual pretende trabalhar em sala de aula, para, assim, conhecê-lo, a fim de extrair ao máximo os elementos que podem ser trabalhados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da perspectiva bakhtiniana, percebemos que qualquer gênero discursivo pode ser trabalhado em uma abordagem enunciativa, de forma a englobar as práticas de ensino que desenvolvem os aspectos cognitivos do aluno. Além disso, notamos que o professor é, por si só, um grande instrumento da educação, pois cabe a ele escolher mecanismos diferenciados e eficazes para trabalhar a leitura, a escrita e a gramática contextualizada, em sala de aula.

A partir da análise da narrativa “Os dois castores”, percebemos que o gênero fábula, em especial, é dotado de peculiaridades que estimulam a criatividade e o gosto pela leitura, já que seus personagens são tradicionalmente animais com características humanas, e suas narrativas são de cunho moral, levando o leitor à curiosidade de saber o final da história. Assim, compreendemos que o gênero fábula pode ser usado como objeto de apoio ao ensino e aprendizagem de Língua Materna, contudo, é necessário enfatizar que todo texto, antes de ser levado para a prática escolar, precisa ser observado e analisado pelo educador a fim de entender o que pode ser oferecido de construtivo ao educando através daquela leitura.

Para que essa análise seja mais consistente, o docente pode seguir o modelo sugerido por Bakhtin para o estudo da Língua, o método sociológico, que foi demonstrado na seção 5 por meio da análise da narrativa de Esopo. Dessa forma, esperamos que este artigo tenha acrescentado na formação do professor, fazendo-o entender o quão pode ser produtivo o trabalho através do gênero fábula.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, J.P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: São os PCNs praticáveis? In: ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Educ. 2005, p. 149-182.
- NASCIMENTO, F. S.; SCARELI, G. As fábulas na contemporaneidade: um estudo sobre “o Lobo e o cão” de Esopo. In: V Colóquio Internacional “Educação e

Contemporaneidade”, 2011, São Cristovão – SE. **Anais...** São Cristovão: V Colóquio Internacional, 2011, p. 1-12.

PAULO. L. Os dois Castores. **Eclectissimo**, 21 agosto 2012. Disponível em: <http://eclectissimo.wordpress.com/2008/04/19/os-dois-castores-fabula-de-esopo>.

Acessado em: 21 agosto 2012.

PERFEITO, A. M.; OHUSCHI, M. C.G.; BORGES, C.A.G. Bula de remédio: da teoria à prática em sala de aula. IN: OSORIO, E.M.R. **Mikhail Bakhtin: Cultura e Vida**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 108p. p. 51-79.

PORTELLA, O. de O. A fábula. In: **Revista Letras**, Curitiba, 1983.

SOUZA, L. N. **O processo estilístico de reescrita das fábulas por Monteiro Lobato**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2004.